

## A SITUAÇÃO POLÍTICO-SOCIAL DA MULHER MOÇAMBICANA EM A CONFISSÃO DA LEOA

Paulo Sérgio Gonçalves<sup>1</sup>  
Carmen Sílvia De George<sup>2</sup>

**Resumo:** Este artigo tem por finalidade mostrar, por meio da análise literária da obra *A Confissão da Leoa*, escrita, no ano de 2012, pelo autor moçambicano Mia Couto, os elementos que levam às percepções de sentido que o autor provoca, quando mostra as degradantes condições político-sociais às quais a mulher é submetida no Moçambique. A obra se passa numa pequena aldeia, de nome Kulumani, onde as mulheres são devoradas por leoas. A narrativa tem por base os depoimentos de Arcanjo Baleiro, o caçador, e de Mariamar, que vive o drama de ter sua feminilidade aprisionada pela tradição moçambicana que impõe à mulher uma vida de submissão física e psicológica. Mia Couto, por meio de uma linguagem encantadora, mostra como a tradição pode levar toda uma sociedade a um problema quase incontrolável. Usando digressões que nos possibilitam conhecer a psique das personagens, o autor, por meio da personagem Mariamar, revela como se sente a mulher de Moçambique que vive submetida à tradição.

**Palavras-chave:** Moçambique. Tradição. Literatura.

## THE POLITICAL AND SOCIAL SITUATION OF MOZAMBICAN WOMEN IN A CONFISSÃO DA LEOA

**Abstract:** This article aims to show, through the analysis of literary *A Confissão da Leoa*, written, in the year 2012, by the Mozambican author Mia Couto, the elements that lead to perceptions of sense that the author causes, when it shows the degrading political and social conditions to which women are subjected in Mozambique. The literary work takes place in a small village, called Kulumani, where women are devoured by lionesses. The narrative is based upon the testimony of Arcanjo Baleiro, the hunter, and Mariamar, who lives the drama of having her imprisoned femininity by the Mozambican tradition that imposes the woman a life of physical and psychological submission. Mia Couto, through a lovely language, shows how the tradition can lead an entire society to an almost uncontrollable problem. Using digressions that allow us to know the characters psyche, the author, through Mariamar character, reveals how the Mozambican woman feels submitted to tradition.

**Key-words:** Mozambique. Tradition. Literature.

---

<sup>1</sup> Graduado em Letras – Habilitação Plena em Português/Inglês e respectivas Literaturas na Sociedade Educativa e Cultural Amélia – Secal.

<sup>2</sup> Especialista em Gestão Escolar pela Universidade do Sul de Santa Catarina. Professora das Disciplinas de Literatura Portuguesa e Literaturas Africanas em Língua Portuguesa do Curso de Letras da Sociedade Educativa e Cultural Amélia – Secal.

**Sumário:** 1. Introdução - 2. A Literatura Moçambicana - 3. Contextualização histórica da narrativa - 4. Análise literária - 5. Considerações finais - 6. Referências.

## 1 INTRODUÇÃO

O presente artigo tem por finalidade identificar, por meio de uma análise literária do romance *A Confissão da Leoa*, baseado em fatos vivenciados e testemunhados pelo escritor africano Mia Couto, no ano de 2008, os marcadores da narrativa que identificam as denúncias relativas às condições político-sociais vivenciadas pela mulher moçambicana. Tais marcadores, como personagens e tempo, serão analisados no intuito de identificar os propósitos do autor referentes ao problema social enfrentado pela mulher moçambicana na atualidade.

Depois desta introdução, faremos uma abordagem da Literatura Moçambicana desde sua origem na época colonial até chegarmos nos dias atuais e nos escritos de Mia Couto, ancorando-se nos estudos de Ferreira<sup>3</sup>, Laranjeira<sup>4</sup> e Silva<sup>5</sup>. Nesse item, poderemos perceber, por meio de embasamento teórico, a evolução da Literatura Moçambicana e as influências históricas sobre ela. Essa medida permite que conheçamos, com maior amplitude, o que leva o escritor moçambicano a escrever sempre sobre mazelas sociais e psicológicas, transferindo-as a suas personagens.

Logo em seguida, fundamentando-se em Couto<sup>6</sup> e Barros<sup>7</sup>, apresentar-se-á uma contextualização histórica da narrativa, para que possamos identificar o período em que as personagens estão inseridas no contexto do romance, tanto em seus tempos narrativos de fato, quanto nas digressões apresentadas.

---

<sup>3</sup> FERREIRA, M. **Literaturas Africanas de Expressão Portuguesa**. Venda Nova, Portugal: Biblioteca Breve, 1977.

<sup>4</sup> LARANJEIRA, J.P. **Literaturas africanas de Expressão Portuguesa**. Lisboa, Portugal: Universidade Aberta, 1995.

<sup>5</sup> SILVA, A.C, **O rio e a casa: imagens do tempo na ficção de Mia Couto**. 2010. Disponível em: <<http://books.scielo.org>>. Acesso em: 14 fev. 2015

<sup>6</sup> COUTO, M. **A confissão da leoa**. Lisboa: Editorial Caminho, 2012.

<sup>7</sup> BARROS, L.B. **A reconstrução histórica da cabanagem em lealdade da guerra civil moçambicana em as duas sombras do rio: Tese apresentada ao programa de pós-graduação em Letras e Comunicação da Universidade Federal do Pará para obtenção do grau de Doutora em Letras**, 2015 - Universidade Estadual do Pará Belém, 2015

Finalmente, na análise literária do romance, poderemos observar os subterfúgios linguísticos que o autor usa para nos levar a uma reflexão sobre as reais condições político-sociais da mulher moçambicana. Na análise, poderemos perceber que o autor se projeta no espaço da mulher e faz dessa projeção a inspiração para suas falas e sua denúncia.

## 2 A LITERATURA MOÇAMBICANA

A Literatura de Moçambique, como tantas outras literaturas que conhecemos, teve seu início e desenvolvimento ligado aos acontecimentos históricos daquele país. Observa-se na historiografia dessa Literatura a participação de pessoas que conviveram temporal e ou espacialmente com a cultura portuguesa, como se percebe em Silva (2010):

No caso específico da literatura moçambicana, as contribuições para sua historiografia provêm de pessoas que estão ou estiveram muito próximas: temporal ou espacialmente, da sua produção: o português Manuel Ferreira viveu vários anos em Cabo Verde, Angola e Guiné, como membro das Forças Armadas; Fátima Mendonça é portuguesa, radicada há muitos anos em Moçambique e atua como docente na Universidade Eduardo Mondlane (UEM) [...]<sup>8</sup>

Entretanto, pode-se dizer, ainda, que, inicialmente, os poucos estudos relativos às Literaturas Africanas não as consideravam pelo aspecto histórico do seu país de origem, mas as atrelavam à Literatura escrita em Portugal. Dessa forma, a necessidade de um estudo específico sobre as Literaturas Africanas em Língua Portuguesa levou o escritor e crítico português Manuel Ferreira a um estudo voltado exclusivamente sobre as peculiaridades da Literatura desenvolvida em cada um dos países africanos com o nome *Literaturas Africanas de Expressão Portuguesa*<sup>9</sup>.

Para Manuel Ferreira a Literatura Moçambicana desenvolve-se em quatro etapas, quais sejam, as Literaturas das descobertas e expansão e a Literatura Colonial, não consideradas africanas, e também as Literaturas de sentimento

---

<sup>8</sup> SILVA, A.C, **O rio e a casa**: imagens do tempo na ficção de Mia Couto. 2010. Disponível em: <<http://books.scielo.org>>. Acesso em: 14 fev. 2015

<sup>9</sup> FERREIRA, M. **Literaturas Africanas de Expressão Portuguesa**. Venda Nova, Portugal: Biblioteca Breve, 1977.

nacional e as Literaturas de consciência nacional, que são consideradas o alicerce da literatura moçambicana.

Nas Literaturas de expansão e de descoberta, Manuel Ferreira elenca os cancioneiros e as escritas durante os períodos de expansão marítima realizada pelos portugueses. Já no período denominado Literatura Colonial, ele cita as literaturas que tem como principal característica o eurocentrismo, colocando o homem europeu como principal personagem e onde o homem negro aparece como por acidente.

A literatura originada, nessa época, difere consideravelmente da Literatura Africana de Expressão Portuguesa que hoje se conhece, e essa diferença é evidenciada pelos acontecimentos históricos que sustentam essa afirmativa:

É evidente que esta literatura, nascida de uma experiência planetária, numa época em que o mundo cristão reconhecia o direito à dominação, à depredação e até à barbárie (a cruz numa mão, a espada noutra) nada tem a ver com a literatura africana de expressão portuguesa. Este registro destina-se apenas ou, sobretudo, a retermos factos longinquamente relacionados com o quadro cultural e político que, séculos depois, havia de surgir, e é a razão primeira destas páginas.<sup>10</sup>

Nessa fase literária, não só em Moçambique, mas em todas as colônias portuguesas na África, percebe-se a imposição da superioridade do homem europeu por meio de teorias racistas e observa-se também o assimilicionismo, desenvolvido por Portugal junto às suas colônias africanas, como nos mostra Silva:

O assimilicionismo é o processo no qual as diferenças socioculturais são superadas pela contaminação ou integração de uma cultura pela outra. Na África, chama-se assimilado ao grupo de africanos que o poder colonial atraiu para si, de modo a efetivar o processo de colonização por uma política educacional que levava africanos a defenderem os ideais da metrópole.<sup>11</sup>

O homem negro aparece sempre inferiorizado como ser humano e colocado, na maioria das vezes, como um misto de animal e fera. Segundo Manuel Ferreira, nessa fase, o homem branco é observado como o grande sacrificado e visto como um benfeitor, um desbravador, e não como opressor.

Nas Literaturas de Sentimento Nacional, Manuel Ferreira refere-se às literaturas que ocorreram de maneira paralela às coloniais, porém de uma maneira

---

<sup>10</sup> FERREIRA, M. **Literaturas Africanas de Expressão Portuguesa**. Venda Nova, Portugal: Biblioteca Breve, 1977.

<sup>11</sup> SILVA, A.C, **O rio e a casa: imagens do tempo na ficção de Mia Couto**. 2010. Disponível em: <<http://books.scielo.org>>. Acesso em: 14 fev. 2015.

discreta, pois os autores, mesmo se opondo às políticas colonizadoras, não demonstravam tal opinião de maneira explícita, pois a institucionalização do regime colonial era uma barreira para o nascimento de uma consciência anticolonialista.

Logo após, Ferreira chama a atenção para as Literaturas de consciência nacional que se forma e sucede à anterior.

A obra “*Godido e outros contos*” (1952) de João Dias, é apontada como a primeira obra narrativa moçambicana, embora outros críticos e teóricos considerem “*O livro da dor*” (1925)<sup>12</sup> de João Albasini como a primeira obra moçambicana.

Outro pesquisador da Literatura Africana de Expressão Portuguesa da atualidade é Pires Laranjeira<sup>13</sup>, docente da Universidade de Letras de Coimbra. As pesquisas de Pires Laranjeira resultaram num manual intitulado *Literaturas Africanas de Língua Portuguesa* e num artigo, mais recente (2001), publicado na Espanha, na revista *Filologia Romântica*, que leva o título *Mia Couto e as literaturas africanas de língua portuguesa*.

Pires Laranjeira sintetizou e periodizou a Literatura de Moçambique, em seu primeiro estudo, em cinco fases distintas: Incipiência, Prelúdio, Formação, Desenvolvimento e Consolidação.

No período que denomina Incipiência, Laranjeira refere-se ao início da Literatura Moçambicana, citando como textos, dessa fase, o poema épico do jesuíta João Nogueira (Século XVII) e poemas do árcade inconfidente brasileiro Tomaz Antonio Gonzaga que foi exilado do Brasil em 1792.

Ao contrário de outros pesquisadores, Laranjeira não concorda com a afirmação de que a obra *O livro da dor* de João Albasini, de 1925, seja o início da Literatura de Moçambique, pois não existem registros confiáveis de tal obra, segundo o pesquisador afirma. Esse período é marcado pela permanência dos portugueses em Moçambique, já que Vasco da Gama aportou naquelas terras em 1497.

No período denominado Prelúdio, cita *O Livro da Dor* de João Albasini como marco no ano de 1925. É nesse período que vários poemas de Rui de Noronha são

---

<sup>12</sup> SILVA, A.C, **O rio e a casa**: imagens do tempo na ficção de Mia Couto. 2010. Disponível em: <<http://books.scielo.org>>. Acesso em: 14 fev. 2015.

<sup>13</sup> LARANJEIRA, J.P. **Literaturas africanas de Expressão Portuguesa**. Lisboa, Portugal: Universidade Aberta, 1995.

publicados no jornal *O Brado Africano*, segundo Laranjeira, o Prelúdio vai até o fim da Segunda Guerra Mundial em 1945:

Esse período estende-se até o fim da Segunda Guerra Mundial (1945), incluindo a publicação dos poemas de Rui de Noronha (surge ET ambula e Quenguelequêze) no jornal “O Brado Africano, depois publicado postumamente em recolha “duvidosa” (incompleta e censoriamente truncada, [...] não faz juz à real obra do poeta.<sup>14</sup>

No terceiro período, denominado Formação, Laranjeira<sup>15</sup> fala da consciência grupal instaurada pela primeira vez pelos candidatos a escritores influenciados pelo Neorrealismo e pela Negritude. Essa fase compreende o período de 1945 até 1963, destacando-se Craveirinha, Rui Nogar, Rui Knopfli, Orlando Mendes e Noémia de Souza, embora, hoje, perceba-se que não eram apenas meros candidatos a escritores, mas se firmaram como ícones da Literatura Africana de Expressão Portuguesa.

No período da Formação, a Literatura Moçambicana teve um crescimento considerável e importante e, nessa fase, a categoria poética teve Luis Polanah como um dos seus principais representantes, destacando-se sua obra *Poesia em Moçambique* de 1951.<sup>16</sup>

O penúltimo período desse primeiro estudo de Laranjeira, denominado Desenvolvimento, estende-se de 1964 a 1975, tendo como fato marcante a Independência de Moçambique, precedida por intensa luta armada. Percebe-se, nesse momento, uma produção marcada e fortemente influenciada pelos acontecimentos políticos e sociais. Isso é observado de maneira relevante na obra *Nós matamos o cão tinhoso* (1964) de Luís Bernardo Honwana que, por meio da personagem do cão, deixa transparecer a fragilidade do país e nos olhos azuis do cão definhado denuncia a presença do europeu entranhado no país moçambicano. Outras obras marcaram essa época, como *Chigubo* de José Craveirinha (1964), *Portagem* de Orlando Menezes (1966), a *Revista Caliban* (1971) e, no mesmo ano, o primeiro volume da antologia *Poesia de Combate*, editado pela FRELIMO<sup>17</sup>, e em

---

<sup>14</sup> Ibid, p. 257.

<sup>15</sup> LARANJEIRA, J.P. **Literaturas africanas de Expressão Portuguesa**. Lisboa, Portugal: Universidade Aberta, 1995.

<sup>16</sup> Ibid, p. 263.

<sup>17</sup> Frente pela Libertação de Moçambique, assume o poder do país após a independência em 1975.

1974 a publicação de *Karingana wa karingana*, coletânea de poesias de José Craveirinha.<sup>18</sup>

Laranjeira, no período denominado Consolidação, aponta como marco inicial as obras do pós-independência até o ano de 1992, marcado pela publicação do romance *Terra Sonâmbula* de Mia Couto:

A partir daí estava instaurada uma aceitabilidade para a livre criatividade da palavra, a abordagem de temas tabus como o da convivência das raças e misturas de culturas, por vezes parecendo antagônicas e carregadas de disputas (indianos vs. negros ou brancos).<sup>19</sup>

Percebe-se, portanto, que Laranjeira difere em seus primeiros estudos, consideravelmente, de outros estudiosos, em especial, de Manuel Ferreira, em seu ponto de vista sobre a visão da historicidade e evolução da Literatura em Moçambique:

[...] fato de que o autor minimiza, nesse texto, o processo de colonização, deixando de considerar as ligações intrínsecas entre a produção literária e a ocupação colonial do território moçambicano – que, como vimos, foram o fio condutor das reflexões de Manuel de Souza e Silva (1996), contudo vale lembrar que a história da Literatura não coincide, necessariamente, com a história social de um país (SILVA, 2010, p. 53).

Porém, na segunda e mais moderna etapa de relatos de suas pesquisas, Pires Laranjeira reconsidera alguns pontos de vista que foram por ele tomados no primeiro trabalho sobre a Literatura Moçambicana. Dessa forma, quando lança, em 2011, seu artigo *Mia Couto e as literaturas africanas de expressão portuguesa*, Laranjeira divide novamente a Literatura de Moçambique em diferentes e distintos períodos:

Encontrando-se o estudo das literaturas africanas ainda numa fase de reconhecimento e estabilização, a divisão em fases estético-literárias, mais do que em relação a outras literaturas decisivamente estabelecidas, apresenta-se como muito provisória, isto é, mais como tentativa de teorização baseada quer nos factos textuais e contextuais, quer noutras teorizações não menos precárias. Refazemos aqui o esquema periodológico (de fases) que empreendemos no manual escrito para a Universidade de Aberta (de Portugal), intitulado “Literaturas africanas de expressão portuguesa”.<sup>20</sup>

<sup>18</sup> SILVA, A.C, O rio e a casa: imagens do tempo na ficção de Mia Couto. 2010, p. 52. Disponível em: <<http://books.scielo.org>>. Acesso em: 14 fev. 2015.

<sup>19</sup> LARANJEIRA, J.P. **Literaturas africanas de Expressão Portuguesa**. Lisboa, Portugal: Universidade Aberta, 1995

<sup>20</sup> LARANJEIRA, J.P. **Mia Couto e as literaturas africanas de língua portuguesa**: a construção do ideal nacional e a constituição de novas literaturas em África. Coimbra: Universidade de Coimbra, 2001. (Revista de Filologia Românica).

Laranjeira<sup>21</sup>, agora, insere duas épocas fundamentais, quais sejam, a Época Colonial (textos antes de 1849 até 1975) e a Época Pós-Colonial (1975 em diante), marcada pela desvinculação com a escrita colonial.

Sobressaindo na fase da Consolidação, Mia Couto aparece como um dos maiores escritores da Literatura Moçambicana, nascido na Província de Sofala, na cidade da Beira, no ano 1955. Filho do jornalista e escritor português Fernando Couto, que passou boa parte de sua vida em Moçambique.

Publicou seus primeiros poemas no *Notícias da Beira*, aos 14 anos, e teve seu pai como motivação para seus escritos. Aos 17 anos foi viver em Maputo, onde passou a cursar Medicina, curso que interrompeu em 1974, trocando-o pelo Jornalismo.

Terminou o curso de Biologia no ano de 1985 e trabalhou, mais tarde, como biólogo, sendo responsável pela conservação ambiental da Ilha de Inhaca.

Estreou na Literatura com o livro de poemas *Raiz de Orvalho*, em 1983, logo seguido por *Vozes Anotecidas* (1986) e *Cada homem é uma raça* (1990). Em 1984, publicou *Estórias Abensonhadas* e, em 1996, o romance *A Varanda do Frangipani*. Em 1997, publica a narrativa *Mar me quer*.<sup>22</sup>

Desde então, Mia Couto vem nos contando as coisas de Moçambique com um olhar atento e observador, criticando a tradição deturbada pelo colonizador europeu, comprometido com a reconstrução da identidade moçambicana, com vistas a uma nova e independente Moçambique.

Mia Couto traz à tona uma literatura nunca antes vista em Moçambique que, por meio de uma metáfora muito bem escrita, mostra a realidade do pós-guerra e da situação político-social da mulher moçambicana. Não é raro vermos em suas obras personagens fortes e marcadas pela fragilidade ou pela força oculta em sua resistência e sobrevivência, num contexto social totalmente liderado e governado pelo homem. Assim, Mia Couto começa a dar voz a quem não tem voz em Moçambique.

---

<sup>21</sup> Ibid.

<sup>22</sup> LARANJEIRA, J.P. **Mia Couto e as literaturas africanas de língua portuguesa**: a construção do ideal nacional e a constituição de novas literaturas em África. Coimbra: Universidade de Coimbra, 2001. (Revista de Filologia Românica).

### 3 CONTEXTUALIZAÇÃO HISTÓRICA DA NARRATIVA

Devido aos explícitos marcadores de tempo na obra, pode-se situar a narrativa de *A Confissão da Leoa* em 2008, ano em que o escritor Mia Couto vive uma experiência real, ao viajar para uma aldeia moçambicana, onde ataques de leões estavam dizimando a população daquele lugar:

Em 2008, a empresa em que trabalho, enviou quinze jovens para atuarem como oficiais ambientais de campo durante a abertura de linhas de prospecção sísmica em Cabo Delgado, no Norte de Moçambique. Na mesma altura e na mesma região, começaram a ocorrer ataques de leões a pessoas. Em poucas semanas, o número de ataques fatais atingiu mais de uma dezena. Esse número cresceu para vinte em cerca de quatro meses.<sup>23</sup>

Ao se deparar com essa situação, Mia Couto se vê diante da inspiração de escrever uma história onde o rugido das leões fosse entendido, metaforicamente, como o grito contido no peito das fêmeas humanas, as mulheres moçambicanas caladas pelos abusos e crueldades do homem ligado à tradição: “Vivi esta situação muito de perto. Frequentes visitas que fiz ao local onde decorria este drama sugeriram-me a história que aqui relato, inspirada em factos e personagens reais”.<sup>24</sup>

Neste momento, e para que se possa melhor compreender a obra, torna-se importante relembrar alguns fatos históricos de Moçambique. O país conseguiu sua independência no ano de 1975, após dez anos de luta armada. Na década de 60, teve início a Guerra de Libertação, pois o mundo vivia uma pressão pela descolonização, então essa foi uma abertura para que grupos revolucionários pudessem se sobressair, no caso de Moçambique foi a FRELIMO (Frente de Libertação de Moçambique). Tudo começou de fato em 1964, quando a FRELIMO atacou o Posto Administrativo de Chai, em Cabo Delgado, no norte de Moçambique, sendo a área que mais sofreu a violência da guerra.<sup>25</sup>

Com a independência alcançada em 1975, após dez anos de guerra e com opiniões políticas totalmente contrárias, a FRELIMO, que assumira o governo do novo país, entra em atrito com a RENAMO<sup>26</sup> e dá-se início a Guerra Civil de

<sup>23</sup> COUTO, M. **A confissão da leoa**. Lisboa: Editorial Caminho, 2012.

<sup>24</sup> COUTO, M. **A confissão da leoa**. Lisboa: Editorial Caminho, 2012.

<sup>25</sup> BARROS, L.B. **A reconstrução histórica da cabanagem em lealdade da guerra civil moçambicana em as duas sombras do rio**: Tese apresentada ao programa de pós-graduação em Letras e Comunicação da Universidade Federal do Pará para obtenção do grau de Doutora em Letras, 2015 - Universidade Estadual do Pará Belém, 2015.

<sup>26</sup> Resistência Nacional Moçambicana.

Moçambique, onde, mais uma vez, o país se via diante de um conflito violento, pois as forças que tomaram o poder cultivavam as mesmas características do colonizador.

A narrativa de Mia Couto reporta-se sutilmente a esses acontecimentos políticos, pois Mariamar encontra Baleiro pela primeira vez no emblemático ano de 1992, quando estava em vias de ser abusada pelo “polícia” Maliqueto Próprio, e quando as forças policiais tinham acabado de cessar fogo, mas ainda mantinham grande poder sobre o povo em Moçambique, ainda mais numa aldeia pequena como Kulumani. É nessa parte da narrativa que Mariamar marca o tempo dos acontecimentos de Kulumani:

Arcanjo Baleiro aconteceu-me há dezasseis anos. Eu tinha igualmente dezasseis anos quando ele cruzou comigo. Não passava de uma menina, mas os meus sonhos tinham envelhecido, mais do que o meu corpo. [...] A guerra acabara nesse mesmo ano de 1992, mas restava ainda um invisível garrote asfixiando o nosso lugar.<sup>27</sup>

Além da submissão causada pela tradição, Mariamar ainda, por meio dessa passagem marcante da narrativa, deixa claro que o lugar sofria pelas sequelas da guerra civil que durou dezesseis anos, coincidentemente ou não, a mesma idade que a personagem possuía. Assim, Mia Couto transfere para Mariamar a personificação de Moçambique, que nascera com a independência, mas que ainda não sabia quem era, não tinha sentimento de pertença e vivia presa e sem voz, se destruindo para tentar se encontrar, assim é a personagem, assim é Moçambique, assim é a mulher de Moçambique.

Porém, no ano de 2008, onde toda a narrativa de fato acontece, já que os momentos de digressão é que nos levam a 1992, Moçambique, que há anos ganhara sua independência, vive em estado extremo de miséria. As populações que vivem nas áreas rurais não conseguem ter supridas as suas necessidades básicas de sobrevivência<sup>28</sup>, e a mulher ainda vive submissa aos caprichos de uma tradição que a afoga em seus próprios corpos, como podemos perceber em trecho da própria obra: “Na noite anterior, em nossa casa a ordem tinha sido ditada: as mulheres

---

<sup>27</sup> COUTO, M. **A confissão da leoa**. Lisboa: Editorial Caminho, 2012.

<sup>28</sup> BARROS, L.B. **A reconstrução histórica da cabanagem em lealdade da guerra civil moçambicana em as duas sombras do rio**: Tese apresentada ao programa de pós-graduação em Letras e Comunicação da Universidade Federal do Pará para obtenção do grau de Doutora em Letras, 2015 - Universidade Estadual do Pará Belém, 2015.

permaneceriam enclausuradas, longe dos que iriam chegar. Mais uma vez nós éramos excluídas, apartadas, apagadas”<sup>29</sup>.

Assim, toda a narrativa da obra se desenvolve baseada intrinsecamente ligada ao momento histórico que Moçambique atravessa e às sequelas deixadas pela guerra. Mariamar, além de representar a mulher submissa com o grito preso na garganta, representa também, quando a olhamos de um ângulo mais próximo, o próprio país que ainda não se encontrou e não sabe realmente quem é, nem o que sente e nem para onde vai, tampouco a quem ama e a quem obedece, mas, todavia, em seu íntimo, guarda um imenso amor e uma vontade sufocados pela violência, que aos poucos se mostra. A cada página, a cada dia, a cada ano.

#### 4 ANÁLISE LITERÁRIA

O romance *A Confissão da Leoa*, publicado por Mia Couto, no ano de 2012, deixa entrever um pouco da realidade que envolve a mulher moçambicana. É importante ressaltar, que uma das mais importantes características desse autor é denunciar por meio de metáforas e linguagem lúdica, a qual ele mesmo chama *brinciação*, as reais condições em que o povo moçambicano vive e, neste caso, em particular, como sobrevive a mulher moçambicana.

Destaca-se que Mia Couto participou de perto e teve contato direto com a luta e as questões que envolveram a independência política de Moçambique, de tal forma, que toda essa experiência, inevitavelmente, acabou por se revelar em suas obras.

A narrativa de *A Confissão da Leoa* apresenta uma história que se passa no ano de 2008, em Kulumani, uma pequena aldeia no interior de Moçambique. As personagens principais são Mariamar e Arcanjo Baleiro, ela, uma moradora da aldeia de Kulumani, filha de Hanifa Assufua, ele, um caçador de leões famoso e renomado. A história aborda os acidentes com leoas que ocorrem na aldeia, em que várias mulheres teriam sido devoradas pelas felinas, daí a presença de Arcanjo Baleiro, ele viera para exterminar as leoas que, supostamente, estavam invadindo a aldeia.

---

<sup>29</sup> COUTO, M. **A confissão da leoa**. Lisboa: Editorial Caminho, 2012, p.43.

O livro é composto por depoimentos alternados entre Mariamar e Arcanjo Baleiro, em que o narrador, em cada capítulo, conta a história de maneira cronológica e também de maneira digressiva, quando mergulha nos pensamentos e lembranças das personagens.

Mariamar começa a narrativa contando e lamentando a morte de sua irmã Silência, que teria sido devorada por uma leoa dentro da aldeia. Os ataques de leoas às mulheres de Kulumani se tornaram comuns e já havia várias vítimas fatais ali, inclusive, tempos atrás, as irmãs mais novas de Silência e Mariamar, as pequenas Uminha e Igualita.

A protagonista relata a morte de sua irmã com certa conformidade e narra a tristeza também conformada e aparentemente aliviada de sua mãe, assim, Mia Couto dá, já no primeiro capítulo, sinais de sua denúncia em relação a condição a qual a mulher é submetida em Moçambique:

No regresso do funeral, havia demasiado céu nos olhos de minha pobre mãe. O caminho até casa era apenas de uns passos: o cemitério familiar ficava nas cercanias da aldeia. Hanifa fez uma breve passagem pelo rio Lideia para os banhos purificadores, enquanto, mais atrás, eu apagava as pegadas que conduziam a sepultura.<sup>30</sup>

Mariamar levava uma vida repleta de sonhos e de lembranças de sua infância que ora eram prazerosas, ora a levavam para o interior de pesadelos que ela jamais gostaria de ter visitado. Prazerosas quando relembra os momentos de paternidade que viveu com seu tio, a quem na tradição chamava de avô, por ser mais velho. Ele a ensinou o segredo das águas e os mistérios de se viver e de se manter. Também era prazeroso quando sonhava com o dia em que seu amado voltaria para buscá-la e tirá-la daquela aldeia para ser feliz e ser mulher de verdade em outro lugar. Um amor incerto e sonhador, pois há anos atrás o caçador Arcanjo Baleiro havia conversado com ela perto do rio e neste momento Mariamar se apaixonara pelo homem, o único homem que a deixou falar, a deixou ser mulher, sem ao menos um toque em sua pele. Um amor que ao mesmo tempo em que lhe fazia bem porque lhe dava esperança, a castigava pela incerteza de vivê-lo. “Fugir de um amor é o modo mais total de obedecê-lo. Quanto mais senhora de mim, mas escrava desse amor. Não neste mundo, rio que me liberte desta armadilha”<sup>31</sup>.

---

<sup>30</sup> COUTO, M. **A confissão da leoa**. Lisboa: Editorial Caminho, 2012, p. 8.

<sup>31</sup> Ibid, p. 50.

Vivia Mariamar num mundo psicológico criado para fugir da realidade, mas, por vezes, abalado pelas lembranças de ter crescido vendo sua irmã mais velha ser abusada sexualmente pelo pai Genito Mpepe, e temendo o dia em que sua vez chegaria. Mas a alma de Mariamar era esplendorosa, porque mesmo que as situações quisessem afogar a sua fragilidade e essência feminina, seus sonhos a mantinham viva e mulher.

Mariamar era uma grande e romântica mulher. Desde criança ela não se curvava aos infortúnios e procurava manter-se resguardada em seu mundo particular, onde, em seus sonhos, poderia ser feliz, poderia ser mulher. Isso se revela quando, em uma digressão, a personagem fala de suas doenças da infância e de quando uma delas a deixou sem poder andar, Couto relata isso por meio de Mariamar quando ela diz<sup>32</sup>: “As minhas pernas podiam estar mortas, mas nunca fiquei prisioneira de mim mesma. Todas as Manhãs as vozes da meninada irrompiam pelo quintal”.

Por causa de sua doença, Mariamar fora levada pelo seu tio às Missões Católicas, onde aprendeu um pouco sobre o Cristianismo e, por isso, era mal vista pelos demais habitantes de Kulumani, que eram adeptos das crenças tradicionais africanas. Lá, com tratamentos alternativos, Mariamar voltou a andar. Ao regressar para casa, sofreu grande represália de sua mãe, não tanto pela religião, mas porque tivera a chance de ter saído um pouco daquele lugar, mesmo que doente, mas tinha saído. A inveja da mãe a impedia de demonstrar amor à filha. Quando Mariamar retornou falando da Paz que aprendera nas Missões, a mãe, Hanifa Assulua, se manteve fria e dura:

- Seja que dia for, é bom voltar. Voltar, agora que temos paz...  
Sem desviar os olhos da peneira, Hanifa Assulua reclamou, em surdina. Eu falava da Paz? Qual Paz?  
- Talvez para eles, os homens – disse. – Porque nós, mulheres, todas as manhãs continuamos a despertar para uma antiga e infundável guerra.  
[...] – Por isso minha filha: deixe lá na Missão essa conversa de Paz. Durante este tempo, você viveu lá, nós tivemos que sobreviver aqui. Acusava-me. Como se eu fosse culpada não apenas da sua solidão como da infelicidade de todas as mulheres. Atravessei o corredor com os pequenos passos da prisioneira que regressa à cela.<sup>33</sup>

<sup>32</sup> COUTO, M. **A confissão da leoa**. Lisboa: Editorial Caminho, 2012.

<sup>33</sup> Ibid, 135.

Arcanjo Baleiro aparece no segundo capítulo sonhando com sua contratação para dar cabo às leas de Kulumani, uma missão que daria prestígio ao caçador já conhecido e famoso por suas empreitadas:

São duas da manhã e o sono não me chega. Daqui a algumas horas anunciam o resultado do concurso. Saberei então se fui selecionado para dar caça aos leões de Kulumani. Nunca pensei que essa escolha me alvoroçasse tanto. Preciso tanto de dormir! Não é descanso que procuro. Quero, sim, ausentar-me de mim. Dormir para não existir.<sup>34</sup>

Filho de Martina e de Henrique Baleiro, ele guardava dentro de si, com certa culpa, a paixão avassaladora por Luzilia, esposa de Rolando, seu irmão, que matara o pai com um tiro acidental. Rolando, após o episódio que vitimou o pai, vivia num hospital psiquiátrico e a sua bela esposa Luzilia, às margens de sua cama, era condenada a essa vida junto com o marido. Uma mulher moçambicana jamais pode abandonar o seu homem, se ele adoecer e for condenado a uma vida vegetativa, sua esposa sofre a mesma condenação.

Arcanjo estivera na vila há dezesseis anos, quando encontrou Mariamar sendo conduzida pelo “pólicia” do vilarejo, Maliqueto Próprio, que tentava abusar da menina, ele era conhecido em Kulumani pelos estupros que cometia. Foi, nesse momento, que Mariamar se apaixonou por Baleiro:

Os abusos de Maliqueto eram por demais conhecidos. Naquele momento o seu turvo olhar apenas confirmava as suas malévolas intenções. A luz faltou-me, as pernas fraquejaram-me. O cano da espingarda encostada nas minhas costas não me autorizava demoras<sup>35</sup>.

Na ocasião, Mariamar vendia galinhas e fora acusada por Maliqueto de tê-las roubado, mas tudo era pretexto para levar a menina de dezesseis anos para ser estuprada. Arcanjo a salvou e foi gentil com ela, como jamais outro homem teria sido, então, ela começa a sentir uma grande paixão por Arcanjo Baleiro.

Arcanjo foi o escolhido para a missão e seguiu para Kulumani acompanhado de uma comitiva. Ele recebia todo apoio do administrador Florindo Makwala e de sua esposa Naftalinda, a única mulher da aldeia Kulumani a enfrentar e rejeitar a submissão imposta pela tradição, a única mulher com voz naquele lugar. Desde sua primeira aparição na obra, Naftalinda deixa claro que é uma mulher diferente, com voz, com opiniões.

---

<sup>34</sup> Ibid, p. 29.

<sup>35</sup> COUTO, M. **A confissão da leoa**. Lisboa: Editorial Caminho, 2012.

Dona de um corpo avantajado, a primeira dama aparece na obra dialogando em igualdade com as personagens masculinas, o que, muitas vezes, causa desconforto em seu esposo, o administrador Makwala. Um dos episódios mais fortes em que ela se expressa na narrativa se dá quando Naftalinda espera a chegada de sua empregada Tandi, e é avisada pelo esposo que a moça se atrasaria porque estava “incomodada”. Sem entender, as pessoas se olham e depois de certa discussão, Naftalinda esclarece, dando pistas do que acontece com as mulheres naquele lugar: “- Só para que fique claro: incomodada quer dizer atacada, quase morta. E não foram os leões que o fizeram. A maior ameaça, Em Kulumani, não são as feras do mato. Tenham cuidado, meus amigos, tenham muito cuidado”<sup>36</sup>.

Tandi foi morta porque atravessou o local em que acontecia um ritual em que só os homens participavam. A moça estava indo trabalhar para Naftalinda quando atravessou a *mvera*, que é um acampamento sagrado onde ocorrem os ritos de iniciação de rapazes:

Tandi desobedeceu e foi punida: todos os homens abusaram dela. Todos se serviram dela. A moça foi conduzida ao posto de saúde local, mas o enfermeiro não aceitou tratar dela. Tinha medo de retaliação. As autoridades distritais receberam queixa, nada fizeram. Quem, em Kulumani, tem coragem de se erguer contra a tradição?<sup>37</sup>

Gustavo Regallo, outra personagem que aparece na obra, é um escritor que, por ordem do administrador, acompanha Baleiro para registrar tudo que acontece no episódio da caça aos leões de Kulumani, ele é a personificação do autor na obra, já que Mia Couto realmente esteve em uma expedição a uma aldeia moçambicana, onde leões estariam atacando as pessoas, vemos, assim, que a obra foi inspirada por essa viagem do autor<sup>38</sup>. Podemos ver uma descrição na obra que se assemelha à descrição física do próprio autor: “O escritor é um homem branco, baixo, de barba e de óculos. É um intelectual famoso, várias pessoas param para lhe pedir autógrafos. Ergue-se para me apertar a mão: - Sou Gustavo, Gustavo Regalo”<sup>39</sup>.

Já a personagem Hanifa Assulua, mãe de Mariamar, é a representação da mulher tradicional de Kulumani, sempre fechada e triste, vive uma vida sufocada e já se considera morta há muitos anos: “Eu já não sei viver *ntwangu*”<sup>40</sup>. Casada com

---

<sup>36</sup> Ibid, p. 98.

<sup>37</sup> COUTO, M. **A confissão da leoa**. Lisboa: Editorial Caminho, 2012.

<sup>38</sup> Ibid, p. 7.

<sup>39</sup> Ibid, p. 63.

<sup>40</sup> Ibid, p. 15.

Genito Mpepe, personagem insensível e representante fiel do homem moçambicano tradicional denunciado na obra, que estuprou suas filhas e sua esposa por diversas vezes: “O que fazemos agora? Ora, agora... agora, vivemos, mulher”<sup>41</sup>.

Os pensamentos tristes e realistas de Hanifa traduzem a voz que a mulher de Moçambique gostaria de ter, é a personagem da denúncia, é a personagem que mostra, com toda sua revolta e morte interior, o que acontece nas sociedades tradicionais de Moçambique lideradas de forma cruel pelos homens: “Esta aldeia matou a sua irmã. Matou-me a mim. Agora, nunca mais mata ninguém. [...] Nós todas, mulheres, há muito que fomos enterradas. Seu pai me enterrou: sua avó, sua bisavó, todas foram enterradas”<sup>42</sup>.

Com essa enorme tristeza e revolta, essa personagem, em todas as suas falas, dá voz ao silencioso sofrimento da mulher moçambicana, vítima de opressão psicológica, física e sexual. Nem mesmo para ser mulher nasce uma mulher em Moçambique, segundo as personagens femininas do romance:

De repente, ouço tombar a louça posta a secar sobre o telheiro. E vejo um vulto de mulher correndo a esconder-se por detrás da casa.  
— Quem é?  
— Não é ninguém.  
— Mas eu vi, eu vi uma mulher a esconder-se.  
— É o que lhe dizia: uma mulher, aqui, não é ninguém...<sup>43</sup>

Isso explica a grande solidão e revolta de Hanifa quando revela à sua filha Mariamar, uma maneira de se sentir amada e desejada. Ela conta à filha como aprendeu, com uma vizinha, uma maneira de se vingar dos homens, uma maneira de se masturbar, de entregar seu corpo, seu amor, seu prazer, seu mais íntimo sentimento feminino de desejo aos mortos, ou seja, a entes imaginários:

Sorriu, com malícia, e confessou: escondida na margem, ela espreitava a vizinha a banhar-se sozinha. As mãos dessa mulher, aos poucos, se convertiam nas mãos de outras criaturas e semeavam em seu corpo arrepios nunca antes sentidos.<sup>44</sup>

Hanifa fora violentada várias vezes por seu esposo Genito Mpepe, e sonhava com o dia em que ele morreria. Certa vez, quando os caçadores das leas já estavam em Kulumani, ela tentou uma emboscada para matar Genito, mas não

---

<sup>41</sup> Ibid, p. 16.

<sup>42</sup> Ibid, p. 43.

<sup>43</sup> COUTO, M. **A confissão da leoa**. Lisboa: Editorial Caminho, 2012.

<sup>44</sup> Ibid, p. 45.

teve sucesso. Mostra-se na obra que a única via de felicidade, ou de melhoria para essas mulheres é a morte de alguém:

Hanifa vem chamar-me, alta noite. Está tão alarmada que desato a segui-la sem mudar de roupa. Camiseta larga escondendo os joelhos, pareço um incompetente fantasma.

-Os leões chegaram a minha casa.

Desde que anoiteceu eles rondam a aldeia. Hanifa tinha-os escutado ao longe.<sup>45</sup>

[...] – Não dispare, sou eu, Genito!

[...] – Hanifa sabia que era eu. Ela sabia que era eu que estava a chegar.

- Não entendo – diz Gustavo.

- O que se passou aqui sabe o que foi? Uma emboscada. Hanifa quer matar-me.<sup>46</sup>

Com a chegada da comitiva para dar cabo às leas, Genito Mpepe, pai de Mariamar, ordenou que a moça ficasse trancada em casa. Enfim, todas as mulheres da aldeia eram proibidas de transitarem por entre os visitantes. Só os homens poderiam interagir. Mariamar estava inquieta, pois ali estaria Baleiro, seu amor de outrora, o único homem que falou com carinho com ela durante toda sua vida.

Assim, a trama se dá em torno da problemática dos assassinatos. Baleiro passa uma semana na aldeia tentando decifrar, por meio de suas experiências anteriores, o motivo que fazia com que as leas adentrassem o território habitado por seres humanos, o que é muito difícil de acontecer, a não ser que animais, que seriam as presas das leas, tivessem se aproximado da aldeia, pensava o caçador.

Depois de vários estudos e reflexões e sem nenhuma resposta, Arcanjo Baleiro chega a se achar incapaz de resolver esse problema.

Arcanjo Baleiro também carregava vários traumas em seu interior, e que foram aumentados pela revelação feita por sua amada Luzília. Ela conta que, na verdade, o tiro com o qual o irmão matara o pai não tinha sido acidental, e, sim, proposital. Fora dado em defesa da mãe que também sofrera vários abusos do velho caçador. Ela era submetida repetidas vezes ao *kusungabanga*, ou seja, uma costura vaginal com agulha e linha, cada vez que o marido se ausentava para trabalhar em lugares distantes:

Antes de emigrar para trabalhar há homens que costumam a vagina da mulher com agulha e linha. Muitas mulheres contraem infecções. No caso

---

<sup>45</sup> Ibid, p. 139.

<sup>46</sup> Ibid, p. 141.

de Martina Baleiro, essa infecção foi fatal: - Rolando sabia. Foi por isso que matou o pai. Não foi um acidente. Ele vingou a morte da mãe.<sup>47</sup>

Em certo ponto da narrativa, Mariamar é entregue por seu pai Genito Mpepe ao administrador Makwala que necessitava de ajuda para tirar da cabeça de Naftalinda, sua esposa, a ideia de se manter nua no centro da aldeia, para servir como isca aos leões. A moça se sente incapaz de tal feito, mas para o administrador ela era a única pessoa que talvez a primeira dama ouvisse:

O administrador está mais do que convicto. Eu e Naftalinda tínhamos a tanta coisa em comum: nascêramos no mesmo ano, estudáramos ambas na Missão, ambas estávamos condenadas a não ter filhos e, assim, destinadas a nunca sermos mulheres.<sup>48</sup>

Naftalinda, embora fosse a personificação de uma mulher à frente das mulheres de Kulumani, também carregava em seu interior os traumas da submissão feminina. Quando essa personagem é citada na obra, percebe-se quão grande é o tratamento hostil e degradante ao qual a mulher moçambicana é submetida, porque mesmo sendo ela a esposa do administrador, que é uma figura de certa importância na aldeia, mesmo sendo ela uma mulher que insiste em ter sua própria voz ela, não consegue fugir totalmente à tradição. Além disso, Naftalinda sente desejo sexual e não é correspondida, sente-se feia e mal-amada, sente sua feminilidade afetada pelo complexo que sente por seu grande peso: “O que te disse Florindo? Disse-te que me ofereci para refeição de leão? Ora, ele não entendeu. Eu quero ser comida, quero ser comida no sentido sexual. Quero engravidar de um leão”<sup>49</sup>.

O grito de liberdade das mulheres contra a tradição que as reduz a um ser inanimado e sem opinião é o grande pano de fundo para a obra *A Confissão da Leoa*. As personagens, com seus devaneios e digressões, mostram que mesmo dentro daquelas mentes tomadas pela submissão, ainda existe vida e revolta.

A personagem Mariamar descreve o mar de sentimentos fortes que existe dentro dessas mulheres, que, embora sejam submetidas a um regime violento de opressão, ainda são mulheres com sonhos, paixões e desejos, por isso seu nome é Mariamar, mar, água, que leva e que traz os sonhos daquela moça.

---

<sup>47</sup> COUTO, M. **A confissão da leoa**. Lisboa: Editorial Caminho, 2012.

<sup>48</sup> Ibid, p. 215.

<sup>49</sup> COUTO, M. **A confissão da leoa**. Lisboa: Editorial Caminho, 2012.

Quando foi confundida com uma leoa, no ataque que Naftalinda sofreu, toda a aldeia de Kulumani desejou a morte de Mariamar por não entender o que se sucedera de fato, mas na verdade, ela estava tentando salvar Naftalinda, que foi atacada no quintal de sua casa, quando Mariamar tomava conta dela:

Aos berros acorro ajudar a moça. A leoa se espanta perante o meu ataque. Com ímpeto que em mim nunca antes adivinhara, cresço em força e tamanho e obrigo a leoa a afastar-se. [...] A raiva faz-me duplicar de corpo: mordo, esgadanho, pontapeio. Surpresa, a leoa acaba por ceder.<sup>50</sup>

Makwala acerta Mariamar que, banhada em sangue, é confundida pela população como uma espécie de bruxa que se transforma em leoa, mas ele a defende do linchamento pretendido por todos. Ali, naquele momento, Mariamar deixa entrever a leoa que existe dentro dela.

Em seguida a isso, ouvem-se outros tiros e o polícia Maliqueto aparece e é aclamado por todos, pois trazia a orelha do leão que tinha abatido, e também relata que a leoa que atacara as moças também tinha sido abatida. Baleiro não se importou por não matar os leões, pois, naquele momento, finalmente, estava com sua amada Luzilia.

Mariamar, depois do sucedido, iria para Maputo, a capital, com seu amado que nunca amou, mas iria a pedido de Naftalinda, que, depois de curada dos ferimentos, cuidaria dela. Entretanto, ela continuava sentindo-se morta, mesmo vivendo, afinal, Mariamar nunca nascera:

Confesso agora o que devia ter anunciado logo de início: eu nunca nasci. Ou melhor: nasci morta. Ainda hoje a minha mãe aguarda pelo meu choro natal. Só as mulheres sabem quanto se morre e nasce no momento do parto. Porque não são dois corpos que se separam: é o dilacerar de um único corpo, de um corpo que queria guardar duas vidas. Não é a dor física que, naquele momento, mais aflige a mulher. É uma outra dor. É uma parte de si que se desprende, o rasgar de uma estrada que, aos poucos, nos devora os filhos, um por um.<sup>51</sup>

Mariamar chega à conclusão de que ela era realmente uma leoa, que nascera meio humana, meio leoa, e que, na escuridão da noite, naquele momento em que lutou com a fera para defender Naftalinda, descobriu sua verdadeira identidade. Assim, essa metáfora deixa claro que as mulheres, principalmente

---

<sup>50</sup> Ibid, p. 219-220.

<sup>51</sup> COUTO, M. **A confissão da leoa**. Lisboa: Editorial Caminho, 2012.

Mariammar, só conseguiam viver e se encontrar quando libertavam seu animal interior, mesmo que fosse uma leoa, um animal forte que sai em busca de sua presa, mas que alimenta seu leão. A diferença é que as leoas rugem e são ouvidas, a semelhança é que vivem e alimentam os leões:

Na realidade, foi o escuro que me revelou o que sempre fui: uma leoa. É isso que sou: uma leoa em corpo de pessoa. A minha forma era de gente, mas a minha vida seria uma lenta metamorfose: a perna convertendo-se em pata. A unha em garra, o cabelo em juba, o queixo em mandíbula.<sup>52</sup>

Porém, depois de chegar a essas conclusões, em uma aparição, seu avô Adjiru lhe esclarece que ela é uma pessoa realmente e que a vida em Kulumani lhe tirara a humanidade, garante que ela é uma mulher de alma e corpo e que poderá ser mãe. Ele também garante que convocou os leões só para seu amado, o caçador, voltar e a levar para longe daquele lugar<sup>53</sup>. E isso realmente iria acontecer, pois ela estava fadada a ir para Maputo e ficar aos cuidados de Naftalinda.

Ao voltar, para ver a leoa que fora morta após ter matado seu pai, Mariamar ouve do polícia Maliqueto que, estranhamente, Genito investira contra a leoa, sem armas, e que até falava com o animal.

Finalmente, Mariamar, ao ver-se de frente com a leoa morta, percebe que a visão que tivera de seu avô não fora real, percebe que a realidade era o que ela mais temia. Aqui, se evidencia o vendaval de sentimentos que a mulher moçambicana carrega em seu interior, perdida sem seus devaneios e sentimentos, ela procura saber quem é, e, às vezes, sua verdadeira identidade se mostra assustadora em razão de tanto sofrimento vivido:

E aqui deixo escrito com sangue de bicho e lágrima de mulher: fui eu que matei essas mulheres, uma por uma. Sou eu a vingativa leoa. A minha jura permanecerá sem pausa nem cansaço: eliminarei todas as remanescentes mulheres que houver, até que, neste cansado mundo, restem apenas homens, um deserto de machos solitários. Sem mulheres, sem filhos, acabará assim a raça humana.<sup>54</sup>

Assim a trama chega ao seu desfecho, o caçador passeia pela aldeia para ver os leões mortos e resolve visitar Hanifa e buscar Mariamar, que ele prometera levar

---

<sup>52</sup> Ibid, p. 235.

<sup>53</sup> Ibid, p. 236-237.

<sup>54</sup> COUTO, M. **A confissão da leoa**. Lisboa: Editorial Caminho, 2012.

para Maputo a pedido de Naftalinda. Mariamar estava envolta numa capulana, apenas com os olhos de fora e já não falava mais.<sup>55</sup>

Ao sair, levando a moça, Baleiro recebe uma revelação de Hanifa Assulua, uma revelação que deixa a narrativa em aberto e que mostra que todas as mulheres daquele lugar têm um desejo pela morte, porque a única maneira de se vingarem, efetivamente, daquela sociedade machista é criar um mundo sem as mulheres:

- Adeus Hanifa.
- O senhor contou os leões?
- Desde o primeiro dia que sei quantos são.
- Tem razão. Essa arte nunca aprenderei.
- O senhor sabe muito bem: os leões eram três. Falta ainda um [...] – Eu sou a leoa que resta. É esse o segredo que só você conhece, Arcanjo Baleiro.
- Por que me conta isto, Dona Hanifa?
- Esta é a minha confissão. Esta é a corda do tempo que deixo em suas mãos.<sup>56</sup>

Dessa forma, ao escrever o romance *A Confissão da Leoa*, Mia Couto cria uma grande alegoria em que denuncia e revela ao mundo as atrocidades das quais são vítimas as mulheres no Moçambique, em nome de uma tradição deturpada, uma tradição que há muito desapareceu ao se miscigenar forçadamente à cultura europeia.

## 5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Diante de tudo que foi estudado e pesquisado neste artigo, considerando os fatores históricos e a época em que a obra foi desenvolvida e, também, as condições em que ela foi elaborada, percebemos a importância da Literatura, não só como conhecimento obrigatório nas grades curriculares, mas, também, como veículo de informação e de conhecimento em diversas áreas sociais e políticas e também psicológicas.

Por meio da análise literária, foi possível revelar o sofrimento calado no peito das mulheres de Moçambique, representadas no romance por Mariamar, Hanifa Assulua, Naftalinda e Tandi, todas vítimas, à sua maneira, de uma sociedade ligada a uma tradição que se corrompeu e que as matou, mesmo estando vivas.

---

<sup>55</sup> Ibid, p. 249.

<sup>56</sup> Ibid, p. 250-251.

Mia Couto conseguiu transpassar os limites do silêncio, e com um olhar observador e sensível, pela experiência que teve em sua vida real, deu voz a essas mulheres que já sofrem as dificuldades causadas naturalmente pela Guerra Civil que assolou o país, e que ainda têm mais uma imensa guerra particular para enfrentar, onde, talvez, encontrem o seu maior e mais duradouro inimigo, o seu esposo, o seu pai, o seu irmão, enfim, o homem.

Assim, escrita por um homem moçambicano, a narrativa nos dá a esperança de que Moçambique realmente esteja num processo de desenvolvimento em relação aos costumes tradicionais, e que em breve essa consciência possa chegar aos confins do país, como em Kulumani, pois lá, na área rural, onde os desmandos contra a mulher são enormes e estão protegidos pela distância geográfica é que se encontram as mulheres como as personagens do romance.

A sociedade moçambicana precisa resgatar o respeito pela mulher e enxergar que, independente de gênero, a mulher é um ser humano, com vontades, amores, desejos e esperanças. E que, se ela for tratada com dignidade e com a consideração que merece e da qual foi alvo nos tempos dos grandes reinos africanos, quando a tradição lhe garantia um lugar de destaque nas sociedades, muito antes de ser corrompida pelos costumes europeus, poderá em muito contribuir para o desenvolvimento de Moçambique.

Que essas leas possam rugir como as leas das savanas, e que seus rugidos possam ser ouvidos por todos.

## 6 REFERÊNCIAS

BARROS, L.B. **A reconstrução histórica da cabanagem em lealdade da guerra civil moçambicana em as duas sombras do rio**: Tese apresentada ao programa de pós-graduação em Letras e Comunicação da Universidade Federal do Pará para obtenção do grau de Doutora em Letras, 2015 - Universidade Estadual do Pará Belém, 2015.

COUTO, M. **A confissão da leoa**. Lisboa: Editorial Caminho, 2012.

FERREIRA, M. **Literaturas Africanas de Expressão Portuguesa**. Venda Nova, Portugal: Biblioteca Breve, 1977.

LARANJEIRA, J.P; MATA, I; SANTOS, E.R. **Literaturas africanas de Expressão Portuguesa**. Lisboa, Portugal: Universidade Aberta, 1995.



NOSSA MISSÃO É TRANSFORMAR PESSOAS

LARANJEIRA, J.P. **Mia Couto e as literaturas africanas de língua portuguesa: a construção do ideal nacional e a constituição de novas literaturas em África.** Coimbra: Universidade de Coimbra, 2001. (Revista de Filologia Românica)

SILVA, A.C, **O rio e a casa: imagens do tempo na ficção de Mia Couto.** 2010. Disponível em: <<http://books.scielo.org>>. Acesso em: 14 fev. 2015